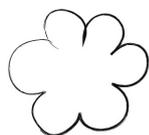


CAPÍTULO 1



A Toto estava a ter o melhor sonho da sua vida (protagonizado por uma enorme piza de *pepperoni*, um prato de massa com queijo e, para terminar, a sua cara peluda



espetada num *tiramisu* gigante), quando se viu **IMPIEDOSAMENTE** transportada de volta à noite fria de Londres.



PA! BUM! e, já que aqui estamos, **PAU!** não chegam para descrever o terrível barulho que perturbou o silêncio de uma rua que, de outra forma, estaria adormecida. Era o tipo de noite onde qualquer um estaria aconchegado na cama com uma manta extra e um saquinho de água quente. O tipo de noite onde ninguém no seu perfeito juízo sairia da cama até ao despertar do sonolento sol de inverno e até o dia se tornar tolerável.

Mas isso é apenas para nós, humanos. Para os gatos? **ESQUECE LÁ ISSO!** Nunca na vida um gato seria visto a sair de uma cama acolhedora com um frio destes. Jamais poderiam mostrar os seus focinhos felpudos na sociedade dos gatos civilizados. Não. «Isso é coisa para raposas e ratos», diria a maioria dos gatos. «Vamos mas é

dormir e encontramos-nos amanhã por volta das, ora deixa ver, onze, onze e pouco...»

Esta era a razão pela qual a Toto estava aborrecida, cansada e talvez um pouco assustada quando ouviu um **TRIM TRIM ESTRONDOSO** vindo do lado de fora.

A Toto olhou para os pais. *Eles vão tratar disto, não vão?*, pensou. Não moveram um músculo. Nem sequer se mexeram.

«Ora esta», murmurou a Toto para si mesma, «mas quem é que são os gatos e quem é que são os humanos aqui? É suposto sermos nós quem fica a dormir e vocês quem nos alimenta, nos dá mimos, trata de nós, nos abre a torneira para bebermos água, nos massaja os pés e, o mais importante... **QUEM SE LEVANTA QUANDO HÁ BARULHOS ASSUSTADORES LÁ FORA!**»

É um acordo justo... mas, só para recapitular: é suposto sermos NÓS os dorminhocos!»

Olhou para o irmão, o Prata, que, tal como o nome sugere, tinha o pelo da cor da prata, mas também branco, sobretudo nas patas. Além disso, tinha uma cauda muito felpuda.

A Toto, por outro lado, era uma grande bola de pelo escuro, cinzento e castanho, especialmente



quando vestia o seu casaco de inverno. Tinha um tufo à volta do pescoço que a fazia parecer uma gata da Inglaterra isabelina, ao contrário do local de onde ela era realmente — um sítio chamado Apúlia, no calcanhar da bota que a Itália parece. Ela e o Prata eram gatos de rua e haviam chegado a Londres há apenas três semanas, após terem sido resgatados por dois humanos muito simpáticos, aos quais agora chamavam mãe e pai. (Ou, como diria a Toto, a mamã e o papá.) São eles que estão agora deitados na cama, a roncar.

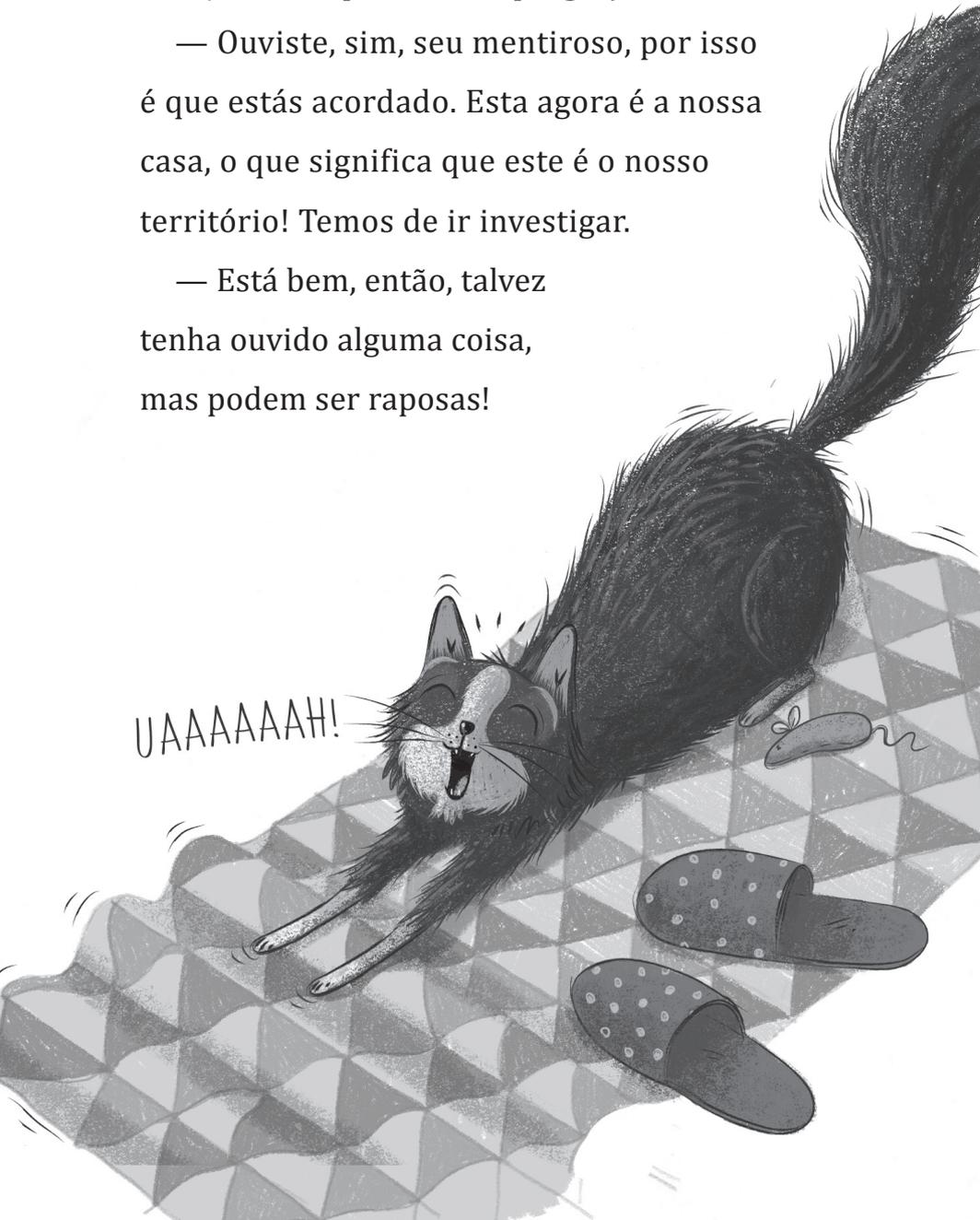
— Prata — sussurrou a Toto. — **PRATA!**
Ouviste aquilo? Acho que veio lá de fora, dos caixotes do lixo... **DOS NOSSOS CAIXOTES DO LIXO!**

— Eu cá não ouvi nada — disse o Prata, bocejando enquanto se espreguiçava.

— Ouviste, sim, seu mentiroso, por isso é que estás acordado. Esta agora é a nossa casa, o que significa que este é o nosso território! Temos de ir investigar.

— Está bem, então, talvez tenha ouvido alguma coisa, mas podem ser raposas!

UAAAAAAH!



Por acaso já viste bem o tamanho que elas têm por aqui? Não são como as do campo, aquelas a que estamos habituados. Estas são más. Aterradoras! Vamos só ficar aqui e esperar que o barulho acabe.

— **ESTÁS COM MEDO!** — disse a Toto.

— Bem, ah, não, é só que a noite está muito fria. Além disso, a porta dos gatos é muito difícil de abrir e... oh, está bem, sim, admito. Estou um bocadinho assustado. Olha, Toto, estamos neste país há três semanas, ainda estamos a tentar enquadrar-nos, está frio, somos italianos de sangue quente. Acabei de acordar com sabe-se lá o quê lá em baixo, e estás a pedir-me que vá investigar. **PORQUE É QUE NÃO VAIS TU?**

— Prata, isso pode ser um bocadinho complicado, eu sou cega, lembras-te?! — disse a Toto.

Lá nisso a Toto tinha razão. Era cega como um morcego, e era-o desde o dia em que nascera.

Aliás, isso não é *totalmente* verdade. Primeiro, ela já tivera oportunidade de conhecer o Eurico, o morcego da vizinhança, e, apesar de ainda não ter surgido grande oportunidade de conversar com ele — havia sempre qualquer coisa, «insetos para apanhar, não há tempo a perder» ou lá o que era... —, ele certamente não aparentava ser cego. Segundo, enfim, ela conseguia ver *alguma coisa*... Ao perto tinha uma visão até razoável, mas, ao longe, só conseguia distinguir luzes e sombras. Conseguia reconhecer contornos de coisas (entre as quais a mamã e o papá), gatos (como o irmão), pássaros lá fora (pareciam saborosos!) e qualquer coisa que se mexesse, na verdade. Mas sempre gostara de ter o Prata a acompanhá-la. Sim, ele conseguia ser um chato às vezes,

quando a provocava, mas, assim como a maioria dos irmãos mais velhos, era extremamente leal e adorava a irmã... Não que ALGUMA VEZ ele o fosse dizer em público.

— Sim, mana — respondeu o Prata —, sei que és cega, mas também és uma ninja, lembras-te?!

Agora era *ele* quem tinha alguma razão. A Toto era, de facto, uma das gatas ninjas mais dotadas à face da Terra, membro de um seletto clube de elite de gatos ninjas. Dominava técnicas que aprendera com o seu mestre, em Itália, um velho gato de navio chamado Ventura, que por sua vez as aprendera com o seu mestre, no Japão; que por sua vez as podia rastrear até há centenas de anos... Por outras palavras, sim, o Prata tinha alguma razão. A Toto sabia cuidar de si mesma.

— Está bem — devolveu a Toto. — Vamos descer juntos. Tu com os teus olhos...

— E charme... — acrescentou o Prata.

— Sim, e charme — aceitou a Toto, revirando os olhos —, e eu com as...

— Com as tuas mortíferas habilidades de ninja — finalizou o Prata.

— 'Bora — disse a Toto.

— **'BORA** — repetiu o Prata.

O Prata tinha razão. Ninja ou não, a porta dos gatos era um pesadelo para atravessar. Porque é que a mamã e o papá simplesmente não deixavam a porta aberta? A Toto e o Prata haviam crescido num olival; por isso, qualquer porta, fosse para humanos ou gatos, ainda lhes era estranha. No entanto, assim que saíram, tudo ficou mais fácil — uma pequena corrida pelo jardim, um salto por cima do muro e logo chegaram à fachada da casa, onde estavam os contentores.

Na escuridão, a Lua iluminava uma enorme figura, com o dobro do tamanho de ambos. Tinha a parte de cima do corpo pendurada de forma instável sobre o contentor, enquanto as suas pernas e o seu rabo, claramente bem *torneado*, balançavam virados para cima.

— Portanto — sussurrou a Toto enquanto se escondiam atrás de um carro na entrada —, não é, definitivamente, uma raposa.



— **TOTO, TU NÃO CONSEGUES VER!** Como é que podes ter a certeza? — perguntou o Prata.

— Não sejas assim. Posso ver formas, imagens, luzes, sombras... E estes — apontou ela, algo irritada, para os bigodes e para as orelhas — não são para enfeitar, sabias! Posso sentir as coisas. Além disso, aquilo parece-te uma raposa?

— Bem, não — admitiu o Prata. — Não se parece propriamente com uma raposa. Mas, sinceramente, à noite todos os gatos são pardos. É muito grande para ser um rato. Será gordo demais para ser um gato?

À medida que «a coisa» surgia do caixote com pedaços de comida à volta da boca, o mistério tornou-se mais claro, mas apenas um pouco.

O animal tinha pelo castanho-claro e vestia um casaco *tweed*, com um chapéu *pork-pie* e um lenço vermelho ao pescoço.

A Toto e o Prata
olharam um para
o outro, confusos.
Seria um gato,
afinal? Tinha de
ser — apenas um
gato de um tipo
muito estranho
e avantajado.
Uma coisa era
certa: fazia tanto
barulho que não
estava seguramente
a tentar esconder-se.



— Acho que é um de nós — sussurrou a Toto.

— Que pena — disse o Prata. — Podia ser um
ratinho para a ceia... É a melhor coisa de Londres:
há muitos ratos que comer.